

casos de VSR nos momentos iniciais da pandemia, enquanto que o inverso aconteceu com o da influenza, no qual a manifestação destes foi menor.

Conclusões: os agentes virais responsáveis por ITRI grave têm associações distintas com as características clínicas em crianças.

Palavras-chave: Crianças Epidemiologia Infecção do Trato Respiratório Inferior

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103462>

INTERNAÇÕES POR MENINGITE VIRAL NO BRASIL EM CRIANÇAS: ESTUDO ECOLÓGICO

Ana Clara Aragão Fernandes^{a,*},
Thaís Coutinho de Rezende^a, Brenda Luiza Carvalho^b,
Ticianne Nunes de Miranda Bento^a,
Francisco Carlos Brilhante Neto^a,
Fátima Ayrine Pereira Lima^a,
Joice Raquel Urbano do Nascimento^a

^a Universidade Potiguar (UnP), Natal, RN, Brasil;

^b Faculdade Maurício de Nassau, Aracaju, SE, Brasil

Introdução/objetivo: A meningite viral afeta principalmente crianças e o seu principal agente etiológico é o enterovírus. A prevalência aumenta no verão e no início do outono em climas temperados, mas tem alta incidência durante todo o ano em áreas tropicais e subtropicais, isto sugere variabilidade da incidência no Brasil. Este estudo tem o objetivo de analisar o perfil epidemiológico da meningite viral em crianças no Brasil.

Métodos: Estudo ecológico realizado por meio de dados extraídos do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) provenientes do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde (SIH/SUS) em todas as regiões brasileiras no período de 2012 a 2022. Os participantes foram crianças de ambos os sexos na faixa etária de 0 a 14 anos. As variáveis analisadas foram: faixa etária, número de internações por meningite viral conforme lista de morbidade CID-10, média de permanência, valor total por Autorização de Internação Hospitalar e taxa mortalidade segundo região. As variáveis foram analisadas por meio da estatística descritiva.

Resultados: No período analisado, foram registradas 17.674 internações por meningite viral em crianças no Brasil. A faixa etária com maior número de ocorrência foi de 1 a 4 anos com 5.535 internações em todo território nacional. A região Sudeste apresentou o maior número de internações, com 8.128 casos, seguida pela região Nordeste (4.092 casos), região Sul (3.552 casos), região Centro-Oeste (1.124 casos) e região Norte (778 casos). O valor total gasto com as internações foi de R\$ 17.737.448,97. A média de permanência hospitalar foi de 6,3 dias. A taxa de mortalidade global foi de 1,35%, sendo mais elevada na região Norte (4,88%) e região Centro-Oeste (1,6%), e mais baixa na região Sul (0,56%).

Conclusão: A análise epidemiológica das internações por meningite viral em crianças revelou uma carga significativa da doença no Brasil, corroborando o padrão epidemiológico visto na literatura. É fundamental implementar medidas de tratamento precoce para reduzir a morbidade e mortalidade

associadas à meningite viral. Além disso, estratégias de educação em saúde e conscientização da população sobre os sinais e sintomas da doença são essenciais para promover a busca por atendimento médico oportuno.

Palavras-chave: Epidemiologia Meningite Internações Brasil infantil

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103463>

INTERVENÇÃO COM VETORES GENETICAMENTE MODIFICADOS: IMPACTO NA DISSEMINAÇÃO DE DENGUE EM UM MUNICÍPIO PAULISTA

Verônica Silva Furlani^{a,*}, Bianca Missio Morgan^b,
João Paulo Galvão Nascimento^c,
Isabelly Costa de Lima^{a,d},
Maria Fernanda Campelo Apolonis^e,
Jean Rodrigo Santos^a,
Márcio Fabrício Falcão de Paula Filho^c,
Emerson Carraro^a

^a Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO),
Guarapuava PR, Brasil;

^b Universidad Sudamericana, Paraguai;

^c Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF),
Petrolina, PE, Brasil;

^d Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS), Recife, PE,
Brasil;

^e Universidade Salvador (UNIFACS), Salvador, BA, Brasil

Introdução/objetivo: Arboviroses são enfermidades cujo vetor *Aedes aegypti* contribui nas epidemias emergentes de dengue, otomastose e zika vírus. A dengue é sazonal, com pico nos meses de outubro a maio, sendo estratégia epidemiológica o controle do vetor. Dentre os planos, tem-se praticado a soltura de mosquitos geneticamente modificados como combate vetorial. Assim, esse estudo avaliou a incidência de casos de dengue antes e depois da primeira intervenção com mosquitos *Aedes aegypti* transgênicos OX513A no município de Piracicaba, São Paulo, Brasil.

Métodos: Estudo ecológico com dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde e Sistema de Informação de Agravos de Notificação, em Piracicaba, no sexênio de 2012 a 2018, com mediana na soltura do vetor transgênico em abril de 2015. Incluíram-se ambos os sexos, de todas as idades e critério de confirmação o diagnóstico de dengue por exames laboratoriais ou clínico-epidemiológico. Informações foram tabuladas e submetidas ao teste de Shapiro-Wilk para verificar a normalidade. Dados não paramétricos foram analisados com o teste de Friedman, já os paramétricos utilizaram ANOVA de medidas repetidas seguida por post hoc de Tukey. Análises estatísticas utilizaram o software Jamovi versão 2.2.5.

Resultados: No período, foram notificados 12.858 casos. A análise revelou que 74,8% deles ocorreram antes do mosquito transgênico e, após, 3.234 foram registrados, exibindo uma distribuição não normal, apontada pelo teste de Shapiro-Wilk ($p < 0,005$). O teste de Friedman apresentou valor de $p = 0,05$, evidenciando diferenças entre os casos de dengue antes e depois da intervenção. Relativo aos dados associados ao sexo